ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

II SERIE — N.º 719
1 DE DEZEMBRO DE 1919
15 c

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 15 ctv.
Numero avulso em todo o Brazil, **700 réis.**

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre ..... 1$90 ctv.
Semestre..... 3$75 »
Ano..... 7$50 »

Redacção, administração e officinas: Rua do Seculo, 43 — LISBOA

«BRILHANTINA CONCRETA»

de perfume delicioso, amacia e dá um brilho magnifico ao cabelo. Não contèm gorduras, pois é um verdadeiro petroleo cristalisado. A unica no genero que se fabrica em Portugal, comparavel ás melhores estrangeiras de Houbigant e Corty.

CADA BOIÃO: 1$20

ULTIMA CREAÇÃO
DA
«PERFUMARIA DA MODA»
5, Rua do Carmo, 7 ◇ ◇ LISBOA

Mães sem leite
USEM A
VITALOSE

(Invenção e preparação de Augusto Peres de Figueiredo, farmaceutico pela Escola Medica de Lisboa e registada em numerosos paizes)

SEUS EFEITOS:

Abundancia de leite para a boa creação dos filhos, em todos os casos, quer para quem tenha pouco, quer para quem d'ele não tenha uma gota. O leite apparece rapidamente e em geral com um ou o maximo dois frascos. Todos os medicos teem constatado este facto e ele, só por si, seria o bastante para justificar o enorme consumo que adquiriu este producto.

Robustez e nutrição: Uma das coisas que mais tem maravilhado a ilustre classe medica e todas as pessoas que de perto teem assistido ao emprego da VITALOSE é a fórma como este preparado transforma as mães, robustecendo-as, nutrindo-as e tornando-as fortes e dando-lhes uma excelente disposição de espirito. Aplicada mesmo em senhoras fraquissimas e com tendencia para a tuberculose, constatou-se que essas senhoras se nutriam a olhos vistos, ao mesmo tempo que adquiriam o leite suficiente para a boa creação dos filhos, que com o uso da VITALOSE, em todos os casos se tornam fortes e robustos. As senhoras que, depois de terem já o leite suficiente, queiram continuar ainda por algum tempo com o uso da VITALOSE, para mais ainda se nutrirem, poderão fazel-o sem o menor inconveniente, mas antes com bastante proveito, moderando a dose a tomar, conforme as instruções que acompanham os frascos.

Evita o perigo do emprego de biberons e leites artificiaes, tão prejudiciaes á saude da criança e tão justamente condenados pelos medicos, e a amamentação feita por amas mercenarias, que, além de nunca substituir com vantagem o leite materno, não raras vezes constitue um perigo para a criança.

E' inofensiva e tem um fino sabor: Dadas as excécionaes propriedades d'este preparado, inutil será dizer que ele é inteiramente inofensivo, seja qual fôr o caso, a circumstancia ou a quantidade que se empregue. Pelo contrario, ele beneficiará sempre, e muitissimo, quem a ele recorrer. Uma tambem das suas boas qualidades é ter um gosto muito fino e agradavel, sendo bem recebido por todos os paladares e por todos os estomagos, ainda os mais debeis, que bastante aproveitarão como seu uso.

O que diz a ciencia: São inumeraveis os medicos que, desde longos anos, veem aconselhando insistentemente na sua clinica o uso da VITALOSE nos casos atraz apontados. Temos já publicados e em nosso poder numerosos comunicados de medicos — e dos mais considerados entre tão ilustre classe — e nos quaes se confessam puramente maravilhados com as experiencias feitas, muitos mesmo nas proprias esposas. Além d'estes, muitos outros comunicados possuimos e d'eles iremos dando conhecimento aos interessados, para que vejam que não é exagero o facto de medicos distintos acharem este produto uma maravilha, depois de observarem os seus extraordinarios e surpreendentes efeitos.

Aviso importante

E' indispensavel que as mães exijam sempre a VITALOSE e recusando qualquer outro produto com que pretendam substituil-a, visto que os creditos ex raordinarios, solidos e antigos da VITALOSE, teem incitado certas creaturas a tentarem, á sombra d'ela, vender produtos inferiores, levando, ao mesmo tempo, a sua falta de escrupulo ao ex remo de imitarem até a redacção dos nossos rotulos.

Da mesma fórma devem verificar sempre se em todos os rotulos vae indicada a Farmacia J. Nobre, como deposito geral, rejeitando todos os frascos que não tenham essa indicação.

A VITALOSE encontra-se á venda em todas as boas farmacias e drogarias de Portugal e seus dominios.

Preço de cada frasco com instruções..... 2$20
Pelo correio, até 3 frascos, mais $60

DEPOSITO GERAL E CONCESSIONARIO EXCLUSIVO:

Farmacia J. NOBRE
109, Praça de D. Pedro, 110
(Rocio) — LISBOA

Deposito no PORTO: Farmacia Dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 44. Em COIMBRA: Drogaria Pereira Marques, Praça 8 de Maio, 36. Em BRAGA: Farmacia dos Orfãos e Instituto Galenico Portuguez. Em FARO: Bandeira Limd.ª,

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SECULO»

II Serie — N.º 719 **Lisboa, 1 de Dezembro de 1919** **15 Centavos**

CRONICA

CORRENTES SOCIAIS

A rapidez e a facilidade com que, sem riscos nem aprendizagem, grande numero de individuos teem ultimamente enriquecido, e ainda as regalias que as classes operarias teem obtido, são origem de amargos comentarios por parte d'aqueles que não podem conseguir tais vantagens e não é raro que muitos chefes de familia, das classes médias, se mostrem hesitantes, sinceramente ou não, sôbre a profissão a dar aos filhos: as carreiras cientificas, que eram até aqui as preferidas, por vaidade ou por conveniencia financeira, entraram assim em descredito.

Se não receassemos o exagero proprio da nossa raça e sempre prejudicial, aprovariamos a reação, como correctivo aos abusos de todos conhecidos e a que frequentemente se atribuem os males de que enfermamos. O bacharel — não ha critico que o não tenha dito ou notado — predomina assustadoramente entre nós, multiplicando-se, formando uma coorte que esmaga quem pretenda resistir pelo trabalho pratico; o seu desaparecimento, ou, pelo menos a rarefacção da coorte, se o substituto se não multiplicar igualmente até á superabundancia, não pode deixar de ser salutar, contribuindo, ou determinando, o equilibrio social, e d'esse modo as desegualdades não devem afligir ninguem, mesmo porque, na peor das hipoteses, a nova força impulsiva só se distinguiria da antiga pelo sinal contrario.

UM BANQUETE

Realisaram-se na egreja de S. Domingos varias solenidades por motivo da beatificação do Santo Condestavel, predominando nelas a nota da riqueza, como se vê pela respectiva reportagem, a qual acentuou que os membros do cabido vestiram custosas cazulas, dalmaticas e pluviais de lhama branca bordada a ouro, e que o sr. cardial patriarca, na capela batismal improvisada em camarim, se vestiu de pluviais de setim branco bordado a ouro, abotoado com um vistoso formalio de diamantes. Estas exterioridades de brilhantismo são, sem duvida, necessarias, visto que pessoas competentes assim o julgaram, e não partirá de nós a minima observação; confessamos, porém, que o fecho da consagração, por demasiado mundano, nos causou extranheza e veio perturbar um pouco as nossas ideias sobre os principios do cristianismo puro: como complemento das festas, o sr. D. Antonio Mendes Belo ofereceu no paço episcopal a algumas altas individualidades catolicas um banquete, naturalmente digno de estomagos habituados a finos acepipes. Não se tratando de ritual, é dificil imaginar o que o consagrado pensaria de tal manifestação gastronomica, se lhe fosse dado conhece-la, mas tudo leva a crêr que teria em maior apreço a abstinencia que a Santa Madre Igreja muito recomenda até para comemorações de menos vulto. E d'aí, talvez que suas ex.as rev.mas se tivessem previamente penitenciado com alguns dias de jejum.

MUSEU BORDALO PINHEIRO

Graças á boa vontade d'alguns benemeritos da Arte, á frente dos quais se encontra o distinto poeta sr. Cruz Magalhães, o museu Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, adquiriu novos exemplares e aformoseou as suas instalações, facto deveras consolador no meio de tantos que entristecem. No momento que atravessamos, de egoismos, de lutas estereis, de indiferença pelo futuro, este cuidado em conservar o que é grandioso e o que só rende gosos espirituais, em preparar recintos de paz e em legar alguma coisa que dignifique a geração actual, é um caso que se deve registar em teimosas repetições, para que frutifique e para que a fé nos vá amparando.

CONCERTOS

Inauguraram-se os concertos Blanch, no teatro S. Luiz e Viana da Mota, no Politiama, com exito igual ao dos anos anteriores, isto é, com a quasi totalidade dos logares esgotada por assinatura e os restantes disputados por alto preço. Não representa semelhante exito a simples avidez de diversões ou de ostentação, porque para esses intuitos outras salas e outros espètaculos existem na capital, mais apropriados; representa pois, evidentemente, uma cultura adeantada e uma delicadeza de sensibilidade aparentemente em contradição com o positivismo a que já aludimos, e aí temos mais um acidente a animar esperanças e a justificar o sorriso incredulo com que recebemos profecias que na maior parte das vezes, não são senão despeitos.

Esperemos... confiemos...

Acacio de Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira).

CAPA — Atracado ao caes, por J. Fernandes Tomaz

MUI NOBRE LEAL CIDADE DE LISBOA

O Velho Rocio

DO ROSSIO DA FEIRA DE SANTA JVSTA Á PRAÇA DE D. PEDRO.

(A proposito da ultima obra teatral de Eduardo Schwalbach)

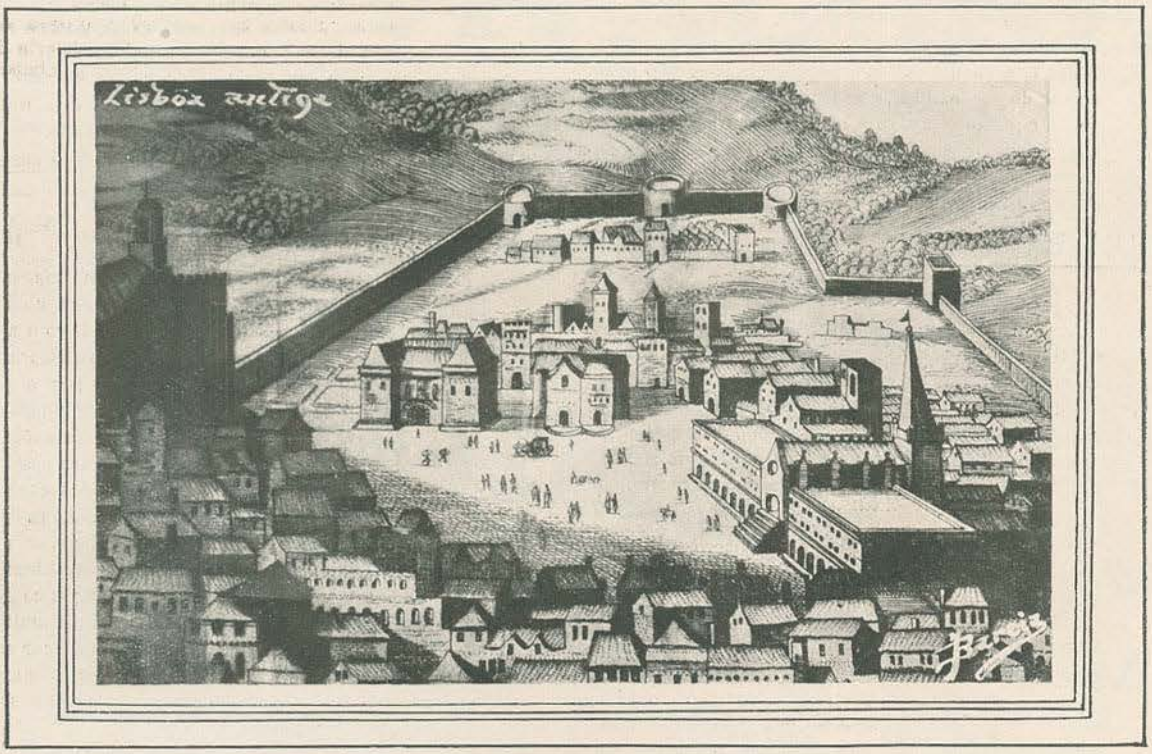
Já lá vão seiscentos e setenta e sete anos depois que, em certo dia, em tempos do segundo Sancho, naqueles ferragiais espalmados á margem do rego da água, para cá da corredoura, se botou á terra o pedaço de mármore simbólico com uma dobra de oiro na conca de uma das faces, para a fundação do cenóbio lisboeta de São Domingos. Era provincial da ordem, o *Fausto* português, São Frei Gil de Santarem.

Aquilo eram terrenos baldios a dois credos da póvoa extra-urbana que descaía do monte do Castelo até os terrenos empapoçados do vale, entre o muralhão gôdo da encosta, e cumiadas de Almofala, e o morro empinado da Pedreira. Foi a casa de paredes acima. Sete anos depois o *Bolonhês* aumentou-lhe a fábrica e doou-lhe terras.

Pouco a pouco, atraída pela influência monacal, a cidade tenteava cingir o novo convento, estendendo-lhe um braço pelo poente e contornando-o com outro pelo nascente até tocar a Moiraria. Os baldios e ferragiais fizeram-se terra batida, descaindo para a regueira que fôra braço de mar, e sôbre a qual se arqueava uma ponte de pedra rude. Assim nasceu o *Ressio da Feira*, o nosso arqueológico, respeitavel e desrespeitado Rocio.

* * *

Palram a seguir as crónicas. Eram as cheias muitas e fatais. Dos canos da Moiraria vinha a enchente das águas. Repuchavam, bramiam e despedaçavam tudo: paredes de dormitórios e celas fradescas. O *rego*, então, era um mar; a torrente varria a ponte, alagava o *caminho pubrico de antre as ortas*, e sumia-se, turbilhando pelas ruas tortuosas de São Gião, razando as pontes

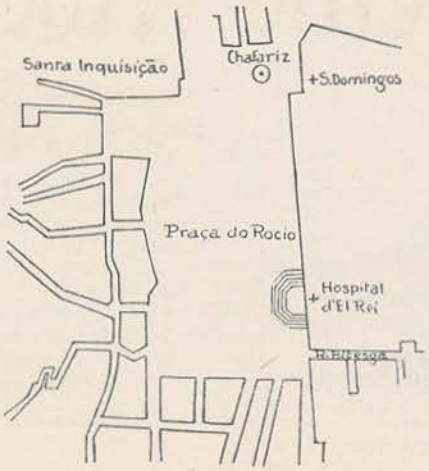


O Rocio no seculo XVI. *(Postal de J. Barcia)*

dos Paus, e *da Galonha*, o hospital de *Rocamador*, a rua *dos Fornos* e a *das Esteiras* e o *canal de Flandres*, até á porta da Oura, á beira das terceiras da Ribeira. Os frades houveram mister de obras. Fez-se um sobrado; depois outro. Aquilo ia-se alindando e perdendo o aspecto bravio de arrabalde. Santa Justa, a vetusta paróquia, vizinhava a Feira do seu nome que se estadeava na nova praça.

Veio a era de trezentos e logo se evocam as régias funções do destrambelhado Pedro I. Arma-se cavaleiro um seu valido. E ha bailes e arraiais, vacas inteiras assadas, montes de pão, trigo e tinas de vinho, e o povo a uivar, metade de alegria, metade de pavor, nas relvas frescas do Rocio. Ameaças de Castela vieram depois. Os castelões chegam-se ás abas da capital, invadem a povoação extra-muros, arrazam, cativam, assolam e queimam. Foi um ciclone. D. Fernando aprende com a experiência, e eil-o a cercar de muralhas a cidade transbordante. O Rocio, metido dentro da cêrca, transforma-se em praça de armas e torna-se ao mesmo tempo o *Forum* e o soalheiro. O drama Fernandino viveu-se, em parte, ali. Fernão Vasques arenga em São Domingos, junto do alpendre, e o povo revolta-se, bramindo contra a barregã real. Desse grito, lançado no *Ressio da Feira*, nasceu uma dinastia. A' beira do mosteiro de S. Domingos, proclamou-se o *Mestre*, erguido a Regedor do Reino pelo formidavel braço popular. Com o cêrco de D. João de Castela, eis o Rocio transmudando de novo a sua feição. De mercador a bailão, de bailão a arruaceiro, de arruaceiro a cavaleiro. Luta-se rijamente desde o postigo da Trindade ás portas de Santo Antão. O *Mestre* acóde ás estancias de S. Domingos; o sangue português corre. É a arraia miuda que triunfa. Depois vem a paz. Partem os saltiadores, volta o mercado, e o Rocio torna outra vez a praça de escambo de porcos e de feno.

Com o alvorecer do decimo quinto século enobrece-se o largo. Os condes de Viana aumentam a sua casaria, a par do mosteiro; depois o infante D. Pedro ergue o paço dos Estaos que mais tarde haveria de servir de residência aos embaixadores germânicos durante as maravilhosas festas do casamento da irmã de D. Afonso V. Escolhe-se o Rocio para teatro de cavalarias e de cortejos, para terreiro pação e sala de ceremonias. Anos depois D. João II mete hombros á empreza do Hospital Real de Todos os Santos; D. Manoel acaba-o, e a fachada soberba do templo, abre-se entre arcarias sobre o imponente escadório. A' ilharga dos Estaos levantam-se mais dois palacios, e era assim o Rocio, vasto desaguadouro das gentes do arrabalde que entravam por Santo Antão, quando, em 1506, um hebreu duvida do milagre de São Domingos e a ira popular, acesa em odios represados, crepita, entra a chamejar e daí a momentos contamina tudo e todos. Depois da matança dos judeus veio a Inquisição, vieram os autos de fé, a carne rechinando nas fogueiras. Do paço do infante de Alfarrobeira saíam as levas funebres. Que espantosas tragedias a que o Rocio serviu de palco, para no dia seguinte o ser das fabulosas representações das pompas quinhentistas!



O Rocio no seculo XIV. Da planta de Tinoco.

Em 1531 abala-se a terra. Um terremoto, tão funesto como o de 1755, alue S. Domingos e o Hospital que só muitos anos andados concluem os seus restauros, quasi totais reformações.

Uns anos mais e aí temos a véspera receosa da jornada de Africa! Brigas de tudescos e de italianos; reverberações do luxo doentio de uma raça que vai esfrangalhar-se em Alcacer Quibir. Depois, de novo os castelhanos do duque de Alba; depois os ingleses de Isabel Tudor com o Prior do Crato, e o Rocio, outra vez praça de armas, vê chorar o povo de raiva, abandonado de capitães e da nobreza.

Com os Felipes, alastra-se a sombra. A pompa severa do *demonio do meio-dia* faz da côrte galeria de fantasmas; tudo de negro, chapeus de guedelha, chapei-

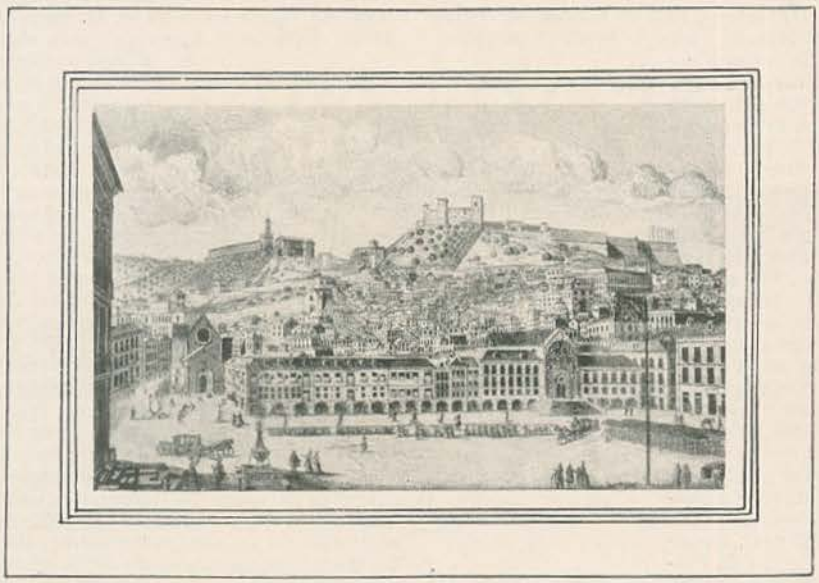
O Rocio. Quadro de azulejos existente no antigo convento das Trinas.

Fase nascente

Fase Norte antes de 1755

rões de dobras escuras, gibões soturnos. E' o ciclo dos espadachins, dos assassinios, dos duelos. Chega 1640. Dilucida-se a treva. Luis XIV substitue Felipe II. A França desbanca Castela.

O Rocio do século XVII e do seculo XVIII, já cercado todo de casaria, era, como ainda hoje é, o coração da capital. A melhor hostaria, a mais concorrida tavolagem, o mais comum encontro de amigos, o mais próprio lugar de brigas e de motins, o terreiro da maledicência, eram ali. No Rocio afixavam-se os pasquins e os editais, corriam-se os toiros da Câmara, erguia-se o poste da forca, queimavam-se os hereges, lustrava-se nas modas, gritava-se, confidenciava-se e morriam no patíbulo os conspiradores.



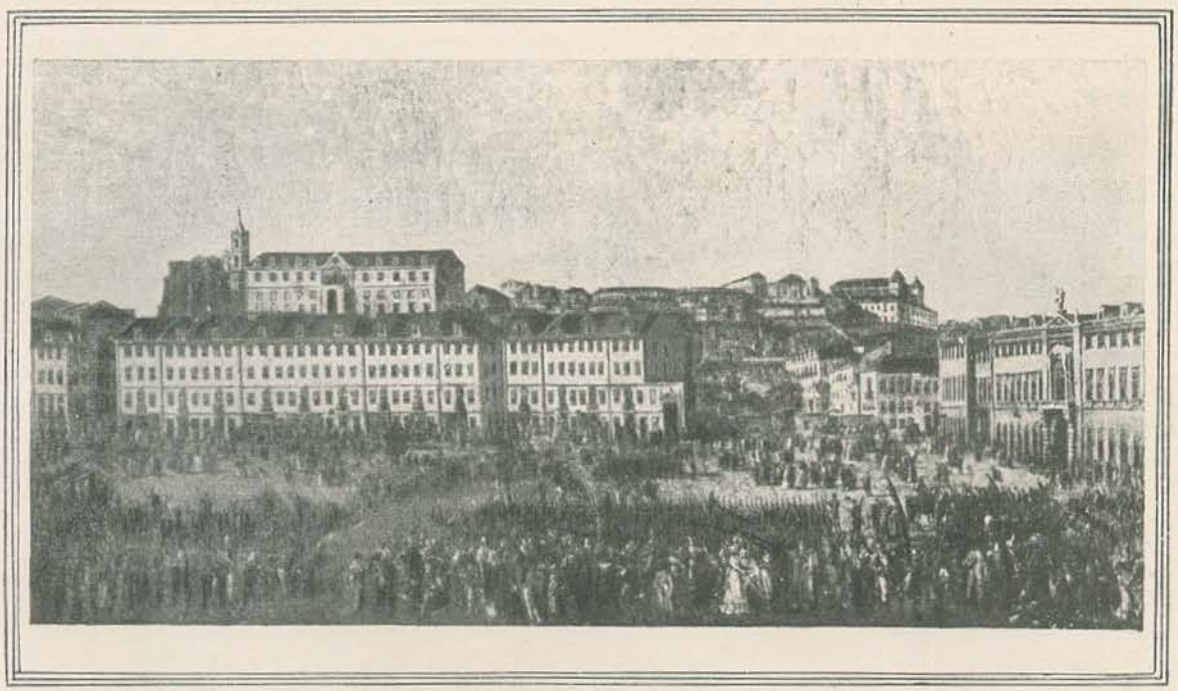
O Rocio antes de 1755. — *(Desenho de Zazarte).*

O *Neptuno* acudia às sedes do bairro, e o mercado, aos apetites e às necessidades urbanas. Nos vinte cinco arcos do Hospital abriam-se, á cubiça dos lisboetas, duzentas tendas de rendas, marçarias e panos. Os cegos papelistas, os pregoeiros da venda, as pretas do chicharo, do arroz e do milho cozido, os vendedores de porcos e de aves, animavam o vasio da praça. De quando em quando uma procissão, o peditório do terço, a grita do mulherio e dos regatões contra a almotaçaria da Câmara, um coche, uma liteira, um estufim concorriam para o pitoresco do quadro. Assim foi o Rocio até o 1.º de novembro de 1755.

Um dia bastou para destruir tudo. S. Domingos e Nossa Senhora da Escada, o Hospital e os Estaos, os palácios dos Almadas, Silveiras, Menezes e Cadavais, aluiram-se, arderam, esbarrondaram-se. Foi uma hecatombe. O que ficou, arrazou-se à bala e à picareta. Os engenheiros pombalinos razoiraram tudo. Do nobre *Ressio da Feira de Santa Justa* existia apenas o local.

* * *

Que trabalho aquilo deu! Tombos, balisagens, desentulhos, alinhamentos. As casas do *Deposito Publico*, a dos *Contos* e o *Senado* albergaram-se no palácio dos restauradores de 1640; n'um barracão instalou-se um hospital militar, pensou-se em transferir para o sul da

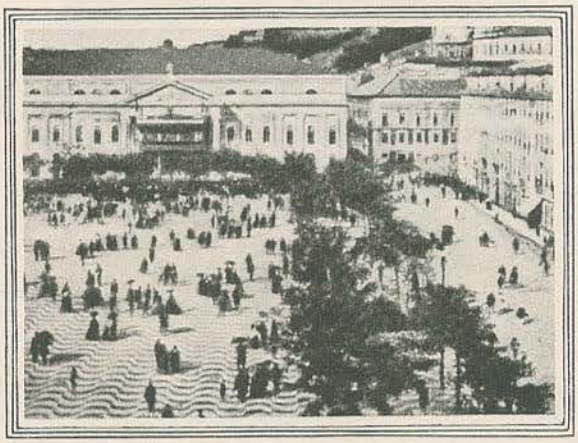


O Rocio em 1808. Junot passando revista ás tropas. — *(Reprodução de um quadro a oleo).*

praça o templo da Conceição Velha. Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e Monteiro de Carvalho, uns atraz dos outros, talharam, alinharam e edificaram a nova praça, dentro do plano geral da obra reformadora de Pombal: predios de três andares, com mansardas, guarda-fogos, bandeiras e vidraças; pavimento de pedra miuda e enchelharia grossa; o novo palacio do Santo Oficio, o janelão do Arco de Bandeira equilibrando-se com ele, tudo riscado e levantado com nobre simplicidade e justas proporções.

E a história do Rocio continuou.

Pôem-se depois os frades de pedra; vêem a seguir os franceses e a fuga da familia real. O Rocio reedita as scenas militares, e Junot exibe as suas tropas em revista. A inquisição muda-se em palacio dos Governadores do Reino e passa depois a palácio da Regência. Chega a hora dos motins. E' ainda o povo que faz do Rocio o seu terreiro de libertação; é ali que ele protesta e grita, aos ouvidos surdos da côrte foragida, a sua ansia de liberdade e o seu patriotismo. Dos botequins politicos e literários saí a sátira e o espirito de revolta. O do *Nicola*, o das *Parras* e o do *Gonzaga*, antepassados do *Bosque* e avoengos do *Martinho* e da *Brasileira*, são os fócos donde divergem as diáribes métricas contra os franceses e as ódes e os hinos a D. João VI e a D. Pedro IV. Depois vem a revolução de 1820. Infantaria 16, com o conde de Resende á frente, proclama e victoría o vintismo. D. João VI lança a primeira pedra para o monumento da liberdade; em 23 caí a constituição e a ideia do obelisco simbólico; perseguem-se miguelistas e *malhados*, apupam-se e prendem-se alternadamente, até o 24 de Julho. Vem a ideia da estátua ao *Dador*. Cobra ânimo, fraqueja, levanta-se outra vez e vem a parar no *galheteiro*. Em 92 com o casamento de D. Pedro V, mascara-se de *coluna do Himeneu* o mamarracho erguido a meio da praça. Ha festejos ruidosos e aclamações sinceras. Em 62, pelo casamento de D. Luís, nova mascarada para solenisar o fausto acontecimento. O *galheteiro* transforma-se em *coluna de Trajano*, até que em 64 é arrazado e em 70 substituido pelo *castiçal*. Ao fundo da praça, em vez do velho palácio da Regência, erguera-se em 46 o Teatro de D. Maria II. O resto é dos nossos dias; sabemo-lo de o ouvir e de o ver: arruaças, fuzilamentos, protestos, revoluções, vivas, morras, aplausos e vaias. Um pouco de tudo e bastante de cada. Ali se quebram os idolos e se erguem novos manipansos, como outrora se quebravam os escudos e se gritava o *Real, Real* pelo novo soberano. E' ainda a mesma ceremónia, somente menos praxista e mais freqüente.



O Rocio antes de ter sido levantado o monumento a D. Pedro IV.

Eis o que foi e o que é, a actual praça de D. Pedro IV. Quanto ao futuro que lhe está reservado, não ha aí çapateiro santo que se aventure a profecias. Aquilo hade ir indo, como tem ido, aos safanões do senso comum, banalisando-se em cada alteração do prospecto tradicional, mais *cimento armado*, menos *cimento armado*, mais *Hotel Metrópole*, menos *Hotel Metrópole*. Os *lagos* copiaram-se não sei de onde; os predios vão-nos copiando tambem. E sempre com o estranjeiro nos olhos e na guela, vão fazendo do Rocio uma sucursal das *Puertas del Sol* ou de qualquer outra praça de Espanha ou de França, com a eterna preocupação do nosso atrazo que é a vergonha parva de sermos diferentes dos outros, e que nos põe em risco de eles, um dia, se envergonharem de se parecer comnosco.

Matos Sequeira.

O Rocio antes da transformação que se está efectuando.

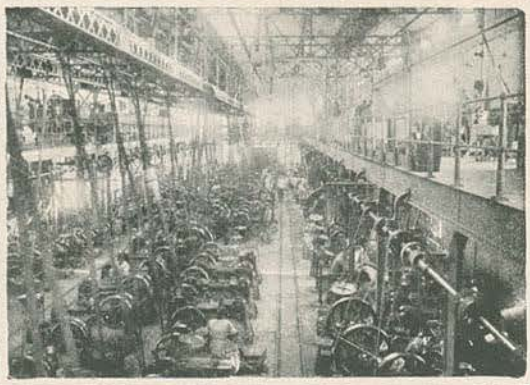
ATUALIDADES

A atualidade capital da semana foi sem duvida a celebre bailarina Ana Pavlowa que ao teatro de S. Carlos veiu com a sua companhia de baile dar quatro espètaculos que foram concorridos pelo que Lisboa tem de mais distinto e de mais *chic*. Pavlowa era já conhecida em Lisboa e conta entre nós inumeros admiradores que não cessam de a elogiar reputando a sua *Morte do Cysne*, de Saint-Saens, uma das mais belas criações de beleza e ritmo, um dos seus titulos de gloria.

Tambem a convite do general sr. Correia Barreto os membros do senado visitaram a fabrica da polvora em Chelas, que é como se sabe um grande estabelecimento fabril. A visita ás oficinas deixou a melhor impressão a todos os visitantes não tendo sido regateados elogios á direção da fabrica e a quem n'aqueles serviços superintende.

As nossas restantes gravuras são o couraçado *Jeanne d'Arc*, a bordo do qual se deu um almoço e que anda em viagem de instrução a oficiais, o visconde de Santo Tirso, antigo diplomata e o sr. Albino J. de Moraes Ferreira, autor do *Dialeto Mirandez*, recentemente falecidos.

Ana Pavlowa



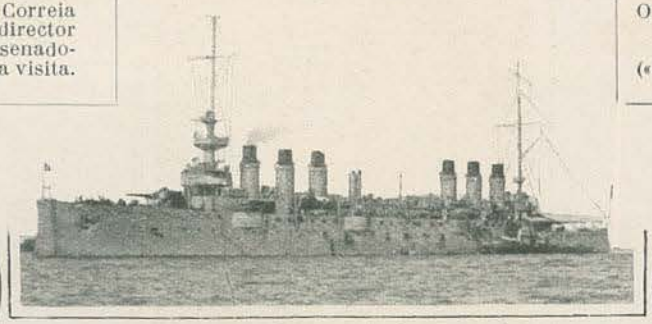
A VISITA A' FABRICA DA POLVORA EM CHELAS.

O general sr. Correia Barreto com o director da fabrica e os senadores que fizeram a visita.

O aspecto de uma das oficinas.

(«Clichés» Serra Ribeiro)

O sr. Albino J. de Moraes Ferreira.



O couraçado «Jeanne d'Arc».

(«Cliché» Serra Ribeiro).

O Visconde de Santo Tirso.

INAUGURA-SE UMA LAPIDE

NA CASA ONDE MORREU

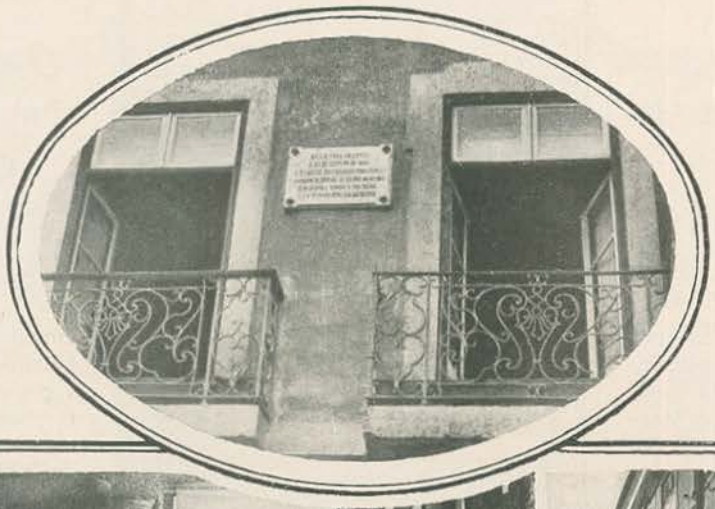
Oliveira Martins

NA casa da calçada dos Caetanos, onde viveu e morreu Oliveira Martins, foi recentemente inaugurada uma lapide comemorativa d'esses factos. A cerimonia realisou-se n'uma grande intimidade: apenas pessoas de familia, amigos e admiradores. Oliveira Martins, que pertenceu áquele grupo de homens ilustres que se chamaram os «Vencidos da Vida», teve uma justa aura como sendo das mais notaveis figuras literarias do seu tempo e foi muito discutido como politico, porque todos sabem que os negocios do Estado o atraíram e o preocuparam n'um dos seus mais agitados e melindrosos periodos. A historia nacional deve a Oliveira Martins inolvidaveis serviços e apenas a sua morte prematura impediu que ele realisasse uma obra definitiva e completa. Os seus ultimos trabalhos de folego, em que se entremostram as novas tendencias de um espirito sequioso de verdade e de perfeição, pertencem ao numero dos lavores que só um ilustre artista é capaz de elaborar, porque os *Filhos de D. João I* e a *Vida de Nun'Alvares* são, com efeito, o que ha de melhor em «historia posta em arte». O culto de Oliveira Martins manteem-no amorosamente, exemplarmente, o irmão querido e a viuva veneranda. O dr. Guilherme de Oliveira Martins, sem

Tumulo de Oliveira Martins no cemiterio dos Prazeres. — Oliveira Martins e seu irmão o Dr. Guilherme de Oliveira Martins em agosto de 1879; ao alto o Dr. Guilherme de Oliveira Martins. — Oliveira Martins. Retratos de 1863, 1870.

exibições espectaculosas, com uma ternura comovente pela memoria do grande polígrafo, não tem perdido ensejo de lhe recordar o nome na lembrança dos seus compatriotas e de o honrar por diversas maneiras, todas elas interessantes e praticas. A sr.ª D. Vitória de Oliveira Martins—a quem Antero dedicou um dos seus mais celebres sonetos—foi a esposa-modelo, a esposa-cristã, que hoje vive para Deus, para os pobresinhos e para a saudade. Senhora tão modesta como inteligente e ilustrada, a que foi largos anos companheira afètuosa do eminente escritor não quiz, apóz o falecimento de seu marido, abandonar a casa da rua dos Caetanos simplesmente para não tocar no gabinete de trabalho onde se compuzeram algumas das mais belas paginas da nossa literatura contemporanea e onde Oliveira Martins desvelou noites estudando e escrevendo. O escritorio mantem-se tal como estava á hora da morte do historiador. Ali só falta ele. Semelhante carinho, que o tempo, se é possivel, intensificou, revela a tempera de uma alma eleita e digna de propôr-se como um espelho n'esta confusa e tumultuosa época em que as materialidades sufocam e aniquilam as coisas do espirito e do coração...

Oliveira Martins, que tem no cemiterio dos Prazeres um mausoleu levantado pelos seus amigos e no qual se admira a estatua da Historia devida ao cinzel de Teixeira Lopes, não esquece. O seu nome fica tambem perpetuado na modesta lapide que hoje se vê na calçada dos Caetanos e ainda nos premios escolares que seu benemerito irmão instituiu. Quer-nos parecer, porém, que outro monumento falta erguer á memoria do escritor e esse seria o volume dos trechos escolhidos da sua vasta, erudita e brilhante obra, antologia que ficava bem em todas as bibliotecas e ficava ótimamente nas mãos dos rapazes dos liceus como brinde áqueles que mais se distinguissem. Aqui deixamos o alvitre, certos de que um dia o aproveitarão, quando estes assuntos merecerem dos competentes o interesse devido...—**A. de A.**



A lapide.

Gabinete de trabalho de Oliveira Martins

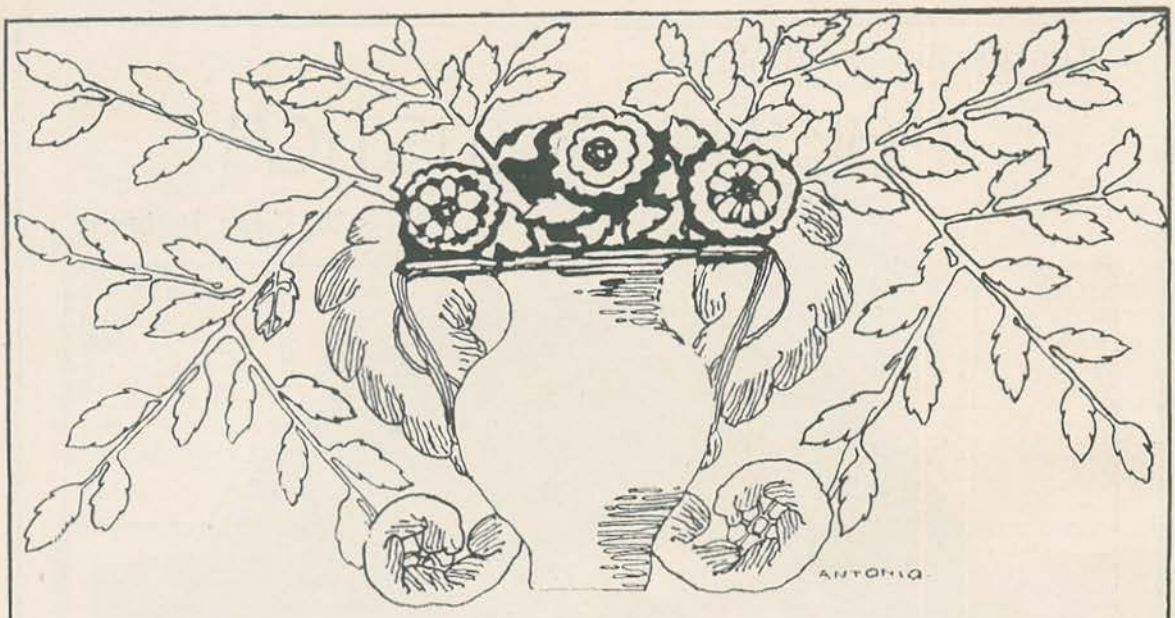
O predio na Calçada dos Caetanos

Oliveira Martins no seu gabinete. Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro.

PAGINA ARTISTICA

V—Vieira Portuense

A Pintura, quadro de Francisco Vieira Portuense existente no Museu Nacional de Arte Antiga. O modelo é a esposa do pintor que executa o seu retrato.



O que eu te não digo

O meu desejo era mandar-te prosa
Cheia de côr, de brilho, de relevo,
Na pequenina fólha côr de rosa
Dêste papel vulgar em que te escrevo.

Palavras de ternura? Não me atrevo.
Se penso numa frase carinhosa
Arrependo-me logo: — «Não... Não devo...»
E a pagina sae fria, dolorosa.

Lamentas-te. Bem sei que tens razão.
Quero escrever, falar, e não consigo...
Vê que perturbadora comoção!

E, comtudo, tu tens de compreender
O que eu, por mais que faça, te não digo,
O que eu não sou capaz de te escrever.

Virginia Vitorino.

A Moda Feminina

AS ULTIMAS CRIAÇÕES DA MODA

Modelos e «toilettes» da Casa Ramiro Leão & C.ª.

DAMOS hoje o que de mais recente a moda nos trouxe. Assim a leitora tem no 1.º modelo, uma «toilette» de visita em veludo «marine» bordado a prata e guarnecido a peles «Toupe»; no 2.º, uma «toilette» de «soirée» em seda brocada azul e ouro guarnecida a «tule», «manteaux» de veludo bordado a ouro com peles de zebelina; e no 3.º uma «toilette» de passeio em sarja «tete-negre», bordada a prata e guarnecida com veludo.

As "divas" italianas da "arte muda"

(3.ª série)

Rina Calabria

PUBLICAMOS hoje a ultima serie de fotografias das mais admiradas «divas» italianas da chamada «arte muda».

Todas elas são lindas mulheres, pois, para seguir a carreira do cinematografo, em Italia, é condição que as artistas, já que não falam, deslumbrem o publico com a sua beleza e a sua elegancia, entusiasmando-o, e seduzindo-o, com as suas atitudes, com os seus gestos e sorrisos, naturaes ou estudados.

Os emprezarios das grandes casas italianas editoras de «films» convenceram-se de que a «arte muda» é uma arte muito diferente da arte dramatica, — e convenceram-se porque em geral, as mais ilustres atrizes da scena falham sempre no «écran» se não reunem aos seus indiscutiveis meritos de comediantes predicados de elegancia e de beleza supremas.

Ada Piccoli

Linda Pini

Mas não imaginem os leitores que os emprezarios, em Italia, escrituram uma artista de cinematografo depois de a examinar com a tradicional meticulosidade dum emprezario de bailarinas.

Teresa Termini

Edi Darclea

Astrea

O que eles procuram nas protagonistas da «arte muda», sobretudo, é o que eles denominam «il personale» e um encantador palminho de cara, porque artistas com caras feias, mesmo com talento, não faltam. Todas as que hoje compõem esta pagina teem os seus creditos firmados como «mulheres bonitas», e até, Deus sabe quantos corações de portuguezes terão batido mais apressadamente pelas atitudes e paixões que elas no «écran» sabem tomar e parecem viver...

***

Djomira Jacobini

Natalia Ideal

SEMANA HUMORISTICA

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO

O FIM DAS HOSTILIDADES

A datar do presente decreto todos os tiros, sabradas, murros, etc., que se trocaram na Europa não se contam.

(Desenho de Metivêt).

É eterna a frase de Juvenal, que o riso castiga o vicio e, agora acabada a guerra, o riso, sem impedimentos nem censuras volta a exercer-livremente a sua função de cauterio e de sã terapeutica. Agora os grandes acontecimentos que prendem a atenção dos que sabem rir, são os açambarcadores, a crise da habitação, o conflito obreiro-patronal, e ás vezes os novos ricos. Mas voltam, de novo as mulheres, as modas, as mil pequenas coisas que foram sempre o cortejo inevitavel de casos que acompanham o nosso dia. E o leitor a ver a filosofia com que o cavalheiro que entra a escorrer agua, de guarda-chuva debaixo do braço, diz que se esqueceu de o abrir... Tem infinita graça e até podia ter acontecido. Pois não ficou uma tarde fechado na Sala da nossa Biblioteca Nacional um nosso esquecido ex-minis-

Se pode haver anistia mais estupida?! E agora, com esta crise de habitações, onde querem vocês, que eu vá encontrar casa?

(Desenho de Metivêt).

UM HOMEM DISTRAIDO OU A INUTIL RECOMENDAÇÃO

Tu bem vês que comprei o guarda-chuva como me recomendaste, mas imagina que me esqueceu de o abrir.

(De *Le Pèle Mèle*, Paris).

DISCIPLINA

O cego. Obrigado, minha senhora, mão posso aceitar porque acabei agora mesmo o meu dia de 8 horas de trabalho.

(Desenho de Falké).

ANTES E DEPOIS... DE 1914

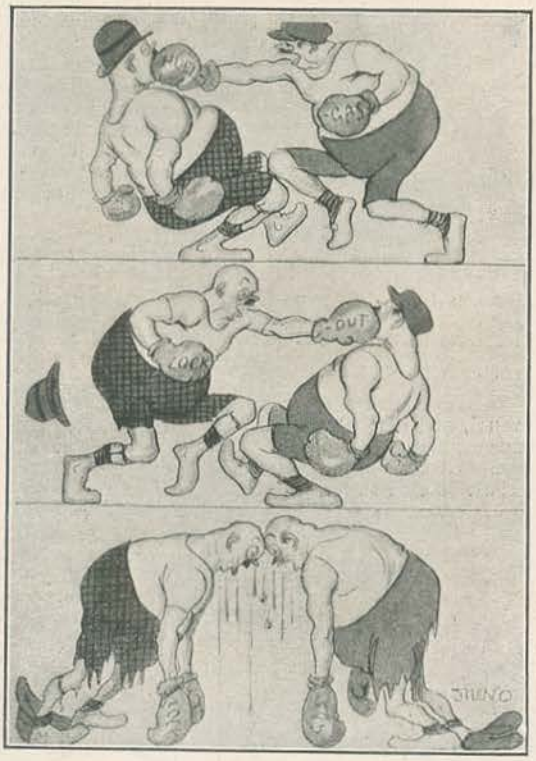
Em 1914 quem mandava era o proprietario.

Hoje quem manda é o arquiteto e o mestre d'obras. (De *Le Pèle Mèle*, Paris).

tro? Não é, pois, estranho o caso se bem que não pudesse, acreditamos, suceder com qualquer de nós. Tambem tem graça a cartomante a quem o cliente se estatela pela escada abaixo. A luta entre operarios e patrões é velha, mas como todos os dias renasce é sempre nova. O operario dá no patrão: E' a gréve. Por seu turno o patrão põe-se em gréve: E' o «lock-out». Quando a coisa acaba estão os dois sem forças, não tendo os operarios ganho nada e tendo os patrões apenas deixado de ganhar. Quem mais do que todos perde é o paiz, a economia, a vida nacional.

Quanto ao cego, é como se vê um cego cumpridor da lei. O preso, inquilino da prisão, tambem não acha bem que o ponham em liberdade. Até a prisão, se a crise das habitações se mantem, até as prisões passam a ter uma bicha á porta como se fossem mercearias com sacas de assucar para vender. Ha mais gente? Ha menos casas? O caso tem que ser resolvido em qualquer das respostas. Quanto a nós parece-nos que se não ha por ahi alguem que tenha umas tantas toneladas de predios em mau estado, sonegadas n'algum armazem, a culpa toda é de haver mais gente.

«O Antes e depois... de 1914» é de uma realidade absoluta. Dantes quem mandava era o dono do predio. O arquitéto e mestre de obras eram apenas uns modestos trabalhadores Hoje quem manda são eles. Já o mestre d'obras enriqueceu e quem está arruinado, sem aprumo nem nada é o proprietario. E' o caso da anecdota celebre dos dois socios. Um entra com o capital, o outro com a experiencia. Ao fim de um certo tempo o capital passou para as mãos do experiente. Por seu turno a experiencia é a unica coisa que resta ao homem do capital.



A LUCTA OBREIRO-PATRONAL
Um pequeno intervalo e... torna a começar.
(Do *Blanco y Negro*, Madrid).

DESCENDO A ESCADA DA CARTOMANTE
Eu bem disse que vos havia de suceder um acidente. (De *La Baïonnette*, Paris).

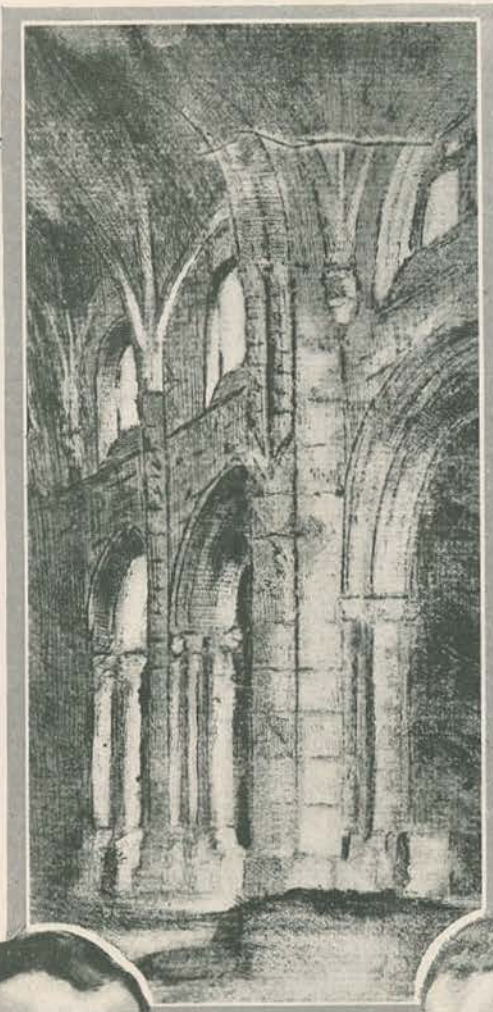
Acabaram as hostilidades. E' uma curiosa «cnarge» á Paz. A Paz! Mas ha tiros, revoluções, greves, zaragatas por toda a parte.

E' a Russia que está um cáos. E' a Alemanha onde ha graves questoes internas. E' a Hespanha com gréves sucessivas. Nos Estados Unidos ha gréves e conspirações. E' um nunca acabar. Todavia está decretada a Paz. A Paz! Como se a Paz fosse coisa que se decretasse e se acabassem as gnerras só com o dizer que para o futuro tudo será resolvido em tribunas. E' como a leria do desarmamento em que ninguem desarmou, ou como se com boas palavras se endireitasse o mundo. Já o outro dizia, com toda a razão vê-se agora, que de boas intenções está o inferno cheio. Pois não se conta o que houver, ouviram.

Assim uns riem dos outros. E' coisa decerto sabida que houve sempre quem risse até nas horas mais amargas da vida. Ha tanto quem chore que se não fosse o riso e os seus sacerdotes, os que escrevem e desenham a pilheria, a Vida seria uma coisa estupida, uma estopada. uma massada emfim.

Caricaturas ha-as infinitas. Com graça muitas ha e algumas o leitor fica conhecendo agora, que não chegaria a «Illustração» para dar o que a Troça, a Ironia, e a Graça inventam e criam em Londres, em Madrid, no Rio de Janeiro e em New-York, em Paris e na Alexandria. Tambem decerto o leitor as não quer todas. Que se as quizesse era muito exigente. Mas não admira. Ele ha até quem queira a lua...

A Exposição dos Novos na Soc. Nacional de Belas Artes



São sempre interessantes os novos quando teem talento e probidade e quando teem fé e vontade, trabalhando e porfiando sempre por acertar. E' isso tão verdade que a exposição d'estes cinco rapazes novos, que se reuniram para fazer uma exposição na Sociedade Nacional de Belas-Artes, tem sido coroada de aplausos e os expositores veem desabrochar alfim o fructo do seu trabalho. Adriano Costa, Joaquim Costa, Theodosio Ferreira, Alberto de Lacerda e Fernando Santos são artistas com quem ha que contar no futuro e que já hoje se afirmam como gente que traz dentro de si a provisão de talento preciso para impôr o nome.

Quadros, que n'essa exposição nos feriram a atenção? Mas quasi todos, que a exposição é uma pequena galeria selecionada com cuidado e amor. Démos no nosso ultimo numero um aspèto da exposição em que figurava o quadro de Fernando Santos «Dia de Feira» e os «Talhando o Ferro» e «Retrato de Minha mãe» respectivamente de Alberto de Lacerda e Theodosio Ferreira. Para completar damos hoje a aguaforte de Joaquim Costa e um esquisso de «O Outono» (Colares) desenhado por Adriano Costa especialmente para a «Ilustração» e damos tambem os retratos dos artistas interpretados por eles mesmo. Assim, Alberto de Lacerda fez o do seu colega Theodosio Ferreira, Fernando Santos o de Adriano Costa, Adriano Costa o de Fernando Santos e Theodosio Ferreira o de Joaquim Costa. E' uma surpreza agradavel para os nossos leitores e para todos os que por estas coisas d'arte se interessam. Que parecendo de Calino ou da filosofia do amigo Banana é uma grande verdade a de que são sempre interessantes os novos quando teem talento e quando trabalham probamente e com o desejo de acertar e de vencer.

1. Alberto de Lacerda. — 2. Fernando Santos. — Teodosio Ferreira. — 4. Joaquim Costa. — 5. Adriano Costa.

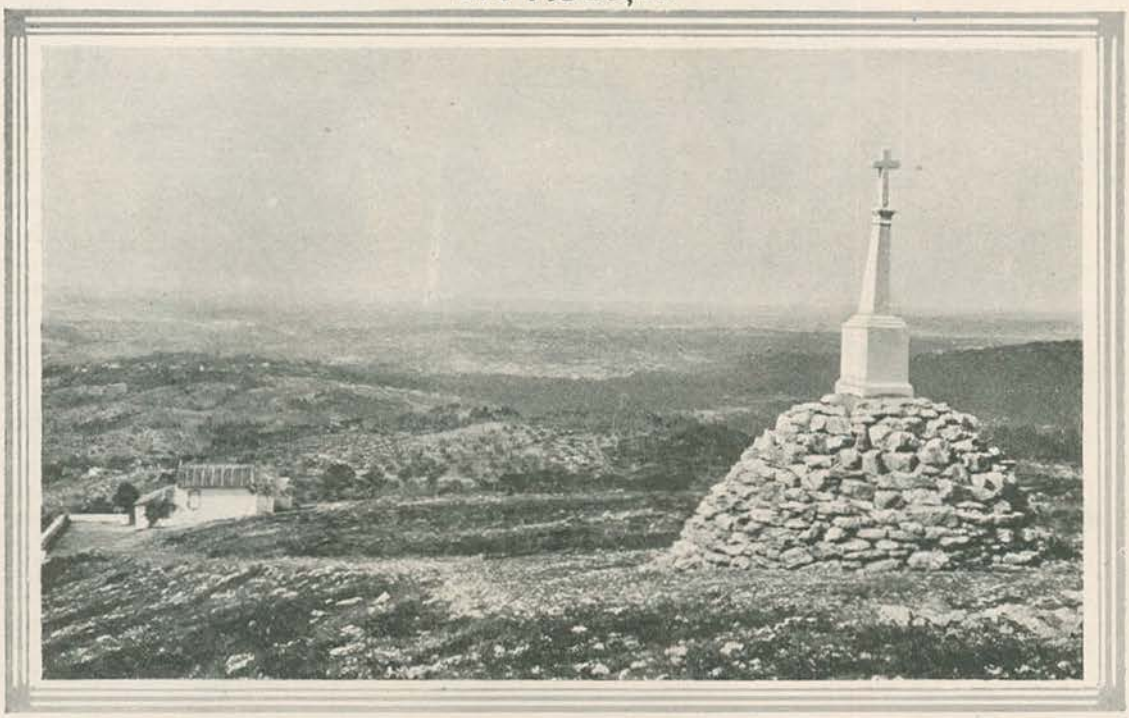
Outono (Colares)

O CRUZEIRO DA SENHORA DO MONTE: MONUMENTO EM HOMENAGEM AOS SOLDADOS MORTOS EM FRANÇA.

Desenho de A. Costa

A população da freguezia das Côrtes, por iniciativa do sr. dr. Afonso Lopes Vieira, levantou no alto da serra, junto da ermida da Senhora do Monte, um cruzeiro em pedra branca assente sobre cascalho solto.

No tronco do cruzeiro foram inscritos os nomes dos soldados que na grande guerra honraram o nome de Portugal até ao sacrificio da propria vida; na base do cruzeiro leem-se duas quadras escritas pelo poeta Lopes Vieira.



(«Cliché» de A. Soares Pinto).

OS MARTIRES DA AVIAÇÃO

A TRAGICA MORTE DO AVIADOR BOURGEOIS

Foi na quinta feira, 20 de novembro, que no campo de Aviação da Amadora o campeão francez Gastão Bourgeois fez o seu ultimo vôo e deu a queda de que lhe resultou morte tragica e horrorosa. Tendo o aviador sr. Pereira Gomes acabado de *aterrissar* com um aparelho *Spad* o *Eolo I*, motor hispano-suisso de 180 H. P., o infortunado aviador pediu-lhe para fazer um vôo. Subiu efètivamente, mas a 150 metros de altura, uma *panne* no motor precipitou o aparelho verticalmente sobre o solo, onde se desfez n'um montão de ferros, de madeiras, de maquinismos, de sob o qual, irreconhecivel e reduzido a uma massa informe, foi retirado Gastão Bourgeois. Transportado n'um automovel ao hospital de S. José, faleceu no caminho. O seu enterro foi uma grande e sentida manifestação de pesar, uma comovente homenagem ao que em vida foi um intrepido e arrojado combatente, um heroe e um lutador.

O aviador Bourgeois fazendo uma explicação. A caminho.

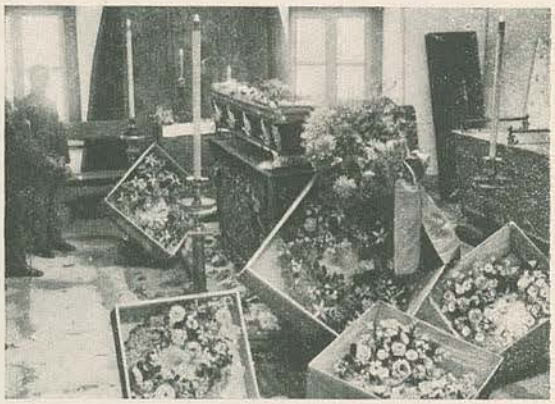
A ele concorreu a nossa oficialidade de terra e mar, o corpo d'aviação, a colonia francesa, o ministerio, sendo sobre o feretro, coberto com a bandeira francesa, depostas muitas e lindas corôas.

O aviador Frouval, colega do malogrado Bourgeois, levava n'uma almofada de veludo a Cruz de Guerra, a Cruz de Cristo e as outras condecorações do falecido.

No cemiterio foram-lhe prestadas as honras militares a que tinha direito,

O cartão de identidade do infortunado aviador

Os destroços do aparelho



A camara ardente no Hospital de S. José

A' saída do Hospital

O enterro saindo do Hospital

Em marcha

fazendo varias evoluções sobre o cemiterio o biplano «Portugal» tripulado pelo tenente Lelo Portela e alferes Mario Simões.

E' triste e inexoravel o destino.

Folle Aventure dizia a pulseira de ouro com uma aguia, presa ao seu pulso, prenda da noiva querida, pois Bourgeois ia casar d'aqui a mezes.

A' entrada do cemiterio

A ultima morada

Folle Aventure! como se aventureiros da sorte não fossemos nós todos sem saber o que a respeito de cada um o Destino tem no seu livro fatal.

«Clichés» de Serra Ribeiro.

1841 — 1919

A CASA DUN

foi fundada em New-York em 1841, ocupando então um modesto escritorio na esquina da Exchange Place e da Hanover Street; o seu pessoal compunha-se unicamente de

6 EMPREGADOS. Actualmente a CASA DUN tem a sua séde em New-York, 290 Broadway, EDIFICIO DUN, propriedade sua, construido em 1898, tendo custado

1.500.000$00 ESCUDOS. E' em estilo moderno, todo armado em aço, completamente incombustivel. Agora, no fim de

78 ANOS de existencia, a CASA DUN tem

245 SUCURSAES nas principaes cidades da Europa e do Ultramar, nas quaes trabalham mais de

12.000 DIRECTORES, EMPREGADOS e VIAJANTES os quaes utilisam perto de

7.080 MAQUINAS DE ESCREVER, servindo-se de

350 TELEFONES e estando em relação com

800.000 CORRESPONDENTES ESCOLHIDOS.

O grande numero de escritorios da CASA DUN, cujos gastos anuaes ultrapassam a cifra de

10.000.000$00 ESCUDOS, asseguram o seu perfeito funcionamento. Ao indicarmos estes diferentes algarismos, temos unicamente em vista frizar bem os poderosos meios de que dispõe e que lhe permitem FORNECER RAPIDAMENTE aos seus assignantes os informes sobre todas as Casas do mundo, graças ás suas ramificações universaes, á sua EXPERIENCIA e aos consideraveis capitaes empregados com este fim.

Agencia Internacional de Informes Comerciaes

R. G. DUN & Co.

Fundada em New-York em 1841

245 Sucursaes nas cinco partes do mundo — 78 anos de existencia

DEZ Sucursaes na Peninsula

CENTRAL PARA PORTUGAL: **103, Rua do Comercio—LISBOA**

SUCURSAL: **10, Rua do Almada—PORTO**

M. FONT
Director para a Europa Occidental

A. MASCARÓ
Director para Portugal e Colonias

1919 — 1841

Massagem Gimnastica

ANTONIO Infante do American College of Mecanotherapy. — Escrever: Rua S. Francisco de Salles, 41, ás Amoreiras.

Corôas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, é na

Camelia Branca

Lº D'ABEGOARIA, 30

(ao Chiado) - Telef. 3270

ANEMIA

DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA

Todos os Medicos proclamam que

• VINHO • XAROPE **DESCHIENS** (PARIS)

de Hemoglobina

CURAM SEMPRE

P-2574—6 in. d. c.—J R K Co.

O Regalo mais Util nas Festas

Conklin

A Caneta de Fonte de Enchedeira Automatica Não Gotteja

A CONKLIN é um dos regalos mais a proposito para cada um dos membros da familia—e para os amigos.

A CONKLIN é o instrumento mais moderno para escrever porque pode-se encher automaticamente apertando simplesmente a sua Enchedeira "Cresent". O seu tampinho roscada evita que a tinta se derrame e,porisso pode-se levar na bolsa ou carteira de algibeira em qualquer posição. As suas qualidades superiores para escrever são distinctamente "CONKLIN." Ha mais de cem estylos de canetas e bicos entre as que a escolha pode ser feita. As canetas são chãs ou com ornatos de ouro ou prata.

A genuine tem o nosso nome na caneta.

Vende-se nas papelarias, joalharias, drogarias e bazares.

The Conklin Pen Mfg. Company

Toledo, Ohio, E. U. A.

Endereço Telegraphico: "Conkpen"

Creme Palmyra

DE RESULTADO MUITO EFICAZ

Preparado de pureza garantida. Frasco: 4$000 rs., 2$500, 2$000, 1$500 e 800 rs. Dep. geral: Calçada do Sacramento, 7, 2.º Telefone 4,359 centr.

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141

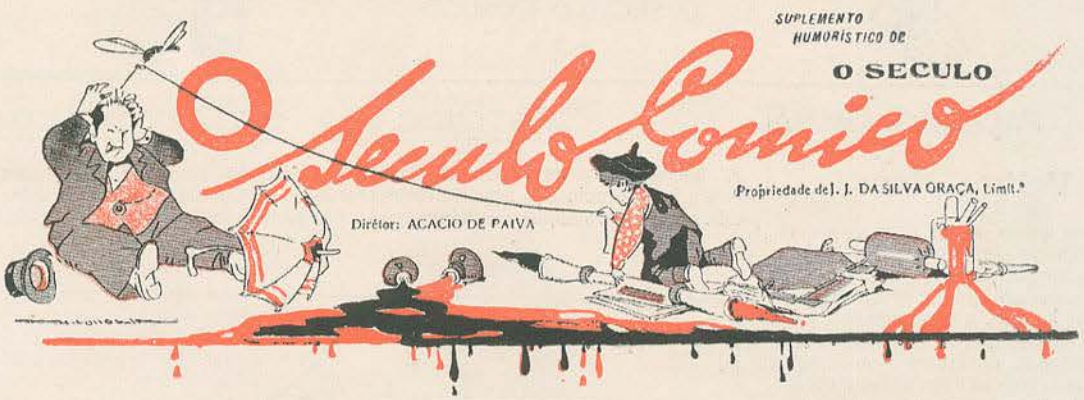
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA-

Loja MODELO

Casa especial de espartilhos e meias. Uma visita ao nosso estabelecimento devem Vv. Ex.as fazer, a titulo de experiencia.

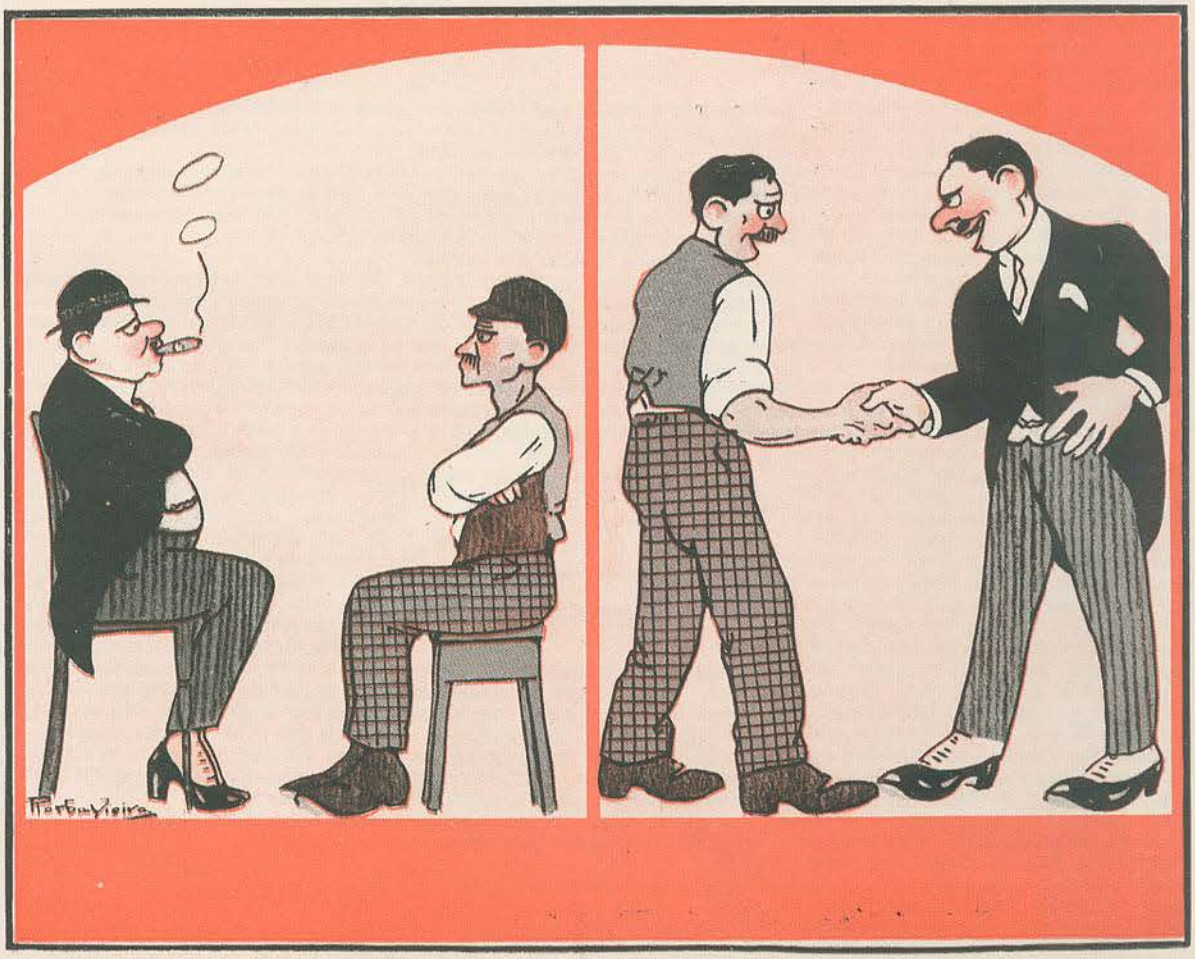
ROCIO, 4 e 5 — Telefone 2:566

XXII ANO—N.º 1146 SEGUNDA FEIRA, 1 DE DEZEMBRO DE 1919



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

Lá por fóra



O OPERARIO CATALÃO:
—Eu não trabalho!
O PATRÃO:
—Eu tambem não!

O OPERARIO:
—Em vista d'isso, trabalho.
O PATRÃO:
—Tambem eu.

PALESTRA AMENA

Velhos ricos

Fala-se muito agora em «novos ricos» e olha-se para eles, isto é, olham para eles os que não são ricos, novos ou velhos, com um grande ar de superioridade espiritual, a compensar a falta de habilidade, que não permitiu que estes ultimos enriquecessem com a guerra nem com as suas consequencias. Assim, ha uma falta de consideração, até certo ponto justificada, por esses «novos ricos», e por melhor que se vistam, por mais que se perfumem, que procurem integrar-se na sociedade das pessoas educadas, sofrem continuadamente o desgosto de se verem desdenhados e escarnecidos, recebidos apenas por quem os quer explorar ou por quem não lhes é inferior em toleima, segundo o principio de que «*un sot trouve toujours, etc*».

Assim seja, mas lembrem-se as pessoas que d'esse modo manifestam a sua repugnancia pelas riquezas adquiridas rapidamente — algumas das quais, afinal de contas, adquiridas com honestidade, pelo menos com honestidade comercial — de que ha muitas especies de «velhos ricos» que merecem tanto a desatenção dos escrupulosos como os que adquiriram fortuna graças ás circunstancias de todas sabidas, dos ultimos anos. Para não irmos mais longe, aí temos certos emprezarios de teatros, que sem capital de ilustração nem outro qualquer, com um passado quasi de mendigos, em pouco tempo aparecem a abarrotar de dinheiro, a fazer despezas doidas, a dar leis em arte teatral, eles que nem seriam capazes de ser carpinteiros de cena.

Como se explica o milagre? Sorte, dir-se-ha. Sorte, sim, mas ajudada por muitas patifariasinhas, pela indolencia dos explorados, pela petulancia dos exploradores, pela confiança na inepcia ou na bondade alheias. Para esses emprezarios, quando ausentes na provincia ou no Brazil, fóra da presença dos interessados, o autor das peças não tem direito senão áquilo que eles lhe querem dar, quando lhe querem dar alguma coisa, e se se trata de peça traduzida, o tradutor é igualmente personagem de que se não lembram para pagamentos. Mudam-se os titulos nos cartazes, trocam-se nomes, fingem-se adaptações, dão-se desculpas de cambios baixos, mente-se quanto ao numero de representações, nega-se a palavra dada, fazem-se mil traficancias, emfim, para que o autor ou tradutor nada receba ou receba um minimo irrisorio, e para que o espertalhão chegue ao poderio e á situação de protector das letras, de que só aprendeu as primeiras, se aprendeu.

— Para quem será a carapuça? interrogará o leitor ancioso. Descancem os emprezarios que se encontram entre nós, porque não serve a nenhum d'eles; com o devido respeito e as devidas desculpas pela trivialidade do termo, os que aí estão são d'uma pelintrice que corre parelhas com a dos proprios autores.

... Mas isto é para se não condenarem apenas os «novos ricos».

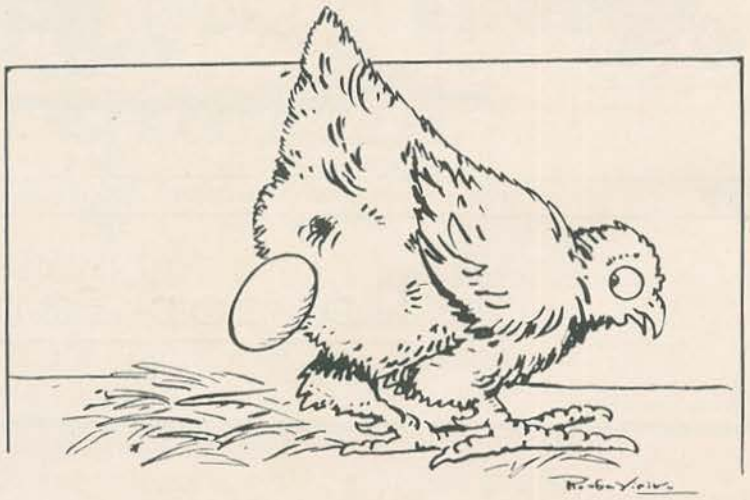
J. Neutral.

Perguntas enigmaticas

E' agora habito na imprensa pôr á prova a inteligencia dos seus leitores, publicando, por exemplo, desenhos enigmaticos em quadros ainda mais enigmaticos para que eles decifrem o proverbio a que tais desenhos e quadros aludem. Dando o leitor no vinte — o que poucas vezes pode acontecer, não por falta de lucidez do leitor, mas pela trancendencia das composições — o feliz decifrador abicha um d'estes premios, a que bem se pode chamar premio .. e péras.

Pois bem. Os leitores do *Seculo Comico* não são menos talentosos do que os d'outro qualquer periodico, antes pelo contrario, nem nós menos generosos de que qualquer outro colega.

Eis porque inauguramos uma secção



analoga á referida, ou seja uma *adivinha*, de dificuldade extrema.

E' coisa branca e amarela,
Sai de dentro da galinha.
Veja o leitor se adivinha
Qual é coisa, qual é ela...

Premio para o primeiro decifrador que se nos dirigir: um ovo, que pode adquirir em qualquer mercearia, por 12 centavos, se d'aqui até lá os ovos não passarem de quartinho a duzia.

Corridas tragicas

Ha um costume que todos julgam pessimo, mas de que ninguem se emenda: vem a ser o costume duma pessoa se largar a rir quando vê o seu semelhante dar um trambulhão. Arrepende-se depois o trocista e é o primeiro a ajudar o outro a levantar-se, mas quasi nunca se pode dominar e a gargalhada precede geralmente o auxilio.

Leiam o telegrama que damos em seguida e digam-nos depois se ficariam sisudos perante os episodios que aí se contam:

«*Madrtd, 19* — Durante as corridas de cavalos no hipodromo de Castelhana o cavalo montado por Archivali foi de encontro ao pau da vala, cuspindo o cavaleiro. Na segunda corrida o cavalo «Blastico» montado pelo sr. Rodrigues Resbalo fez caír o cavaleiro. O publico aglomerou-se junto á vala, para vêr o ferido, tendo caído alguns espectadores, que ficaram muito maltratados. Na sexta corrida o cavalo «Bellet 288» cuspiu o cavaleiro, continuando numa corrida desenfreada durante quinze minutos, até que caíu rebentado».

Vindo de Espanha a noticia é natural que haja alguns exageros na exposição; mas ainda que fossem burros e não cavalos, hão-de concordar que tais precalços não era facil que se dessem entre nós, entre outras razões, pelo estado de fraqueza em que se encontram os brutos por cá, devido á carestia das subsistencias.

Deve ter influido muito nos desastres mencionados o bom estado financeiro do paiz visinho.

Esposa previdente

Toda a gente sabe que o sr. Landru é um malandrin que matou umas poucas de esposas, pelo que não é temeridade supôr que está aqui está com a cabeça separada do tronco. Pois a ultima esposa do dito senhor, a unica que está viva e sã, acaba, segundo se vê n'um telegrama de Paris, de requer o divorcio.

Incompatibilidade de genios, já se deixa vêr.

TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida Zefa du curasão:

Lanso mais uma vez mão da minha mal allinhavada penna pra te desijar munta çaude mal a touda a ubrigasão i pra te dezer que vanho agora mêmo du triato da Trendade adonde acesti á prumera arrepersentasão da pessa *Em guarda* que é uma cumedia que nan intendi lá munto ben purque grassas a deus çou munto estupedo i os ótores é que ção munto ispertos. Vê lá tu ce preceves isto: a Angila, cum um grande capassete nu cabello da cabessa i uns poucos de penaxos de san Jorge casouce cum u Calros Santos que tem munta cunfiensa na Angila, tadinho dêle vai daim u Ferrera da Cilva, que deu agora in pateta alegre, apanha a Angila em Ecce-lê-ban i prantace-le a dezerle tulisses ós pois de ter tido um duello com um espetor da batota, a Angila nan fuz caso dêle mas vai a casa dêle ós pois de paçar pur casa d'uma mulher que vende pratos de istanho i de los cumprar i in casa du Ferrera diz que vai lá nu dia ceguinte ós pois diz que nan vai ós pois á um turneio de ispada in casa du Ferrera i ós pois u Calros Santos que nan çabe jugar a ispada dá uma sova nu Ferrera que é um çabão na isguerima. O's pois u Calros Santos tem siumes da Angila, ós pois a Angila diz que cim, ós pois u Calros diz que não mas ós pois diz que cim i a Angila diz que não i vão ambus i dois prá Intalia i o Ferrera pró camarim tirar o carterizasão que le fica a matar, açim cumo us calsões da Intelvina Serra cuja esta nan ce çabe u que é i ede cetera. Perceveste? Cá de mim ninguem me tira da cabessa caquillo é pessa cimbolica i que quer dezer cus ótores tanto leram que trasleram; imfim, arrepito, talvez que eu ceja estupedo i intão já aqui nan istá quem fallou i cum isto nan te infado mais i arresebe um abraso soidoso açim cumo muntos bejos ós noços bacros i alembransas ós piquenos i á noça vaca malhada caquilo ce istivesse in Lisboa i cá desse u lête que dá ain tinhamus a noça fertuna fêta. Ispõe du tê marido conjogal i cempre ósente i ubrigado

Jerolmo.
Emprezario do Pauliteama de Peras Ruivas

Eclipse do sol

Notas tomadas pelos nossos reporters, durante o eclipse de sabado ultimo.

A' porta do liceu Camões alguns estudantes, de vidros fumados, olhavam para o ar, Um operario bolchevista, que passava:

—Olá, que diabo estão vocês aí a fazer, sem estudar?

—Estamos a vêr o eclipse...

O homem:

—Eclipse, hein? Essas invenções dos burguezes tambem hão de acabar um dia!...

*

O Marques, para esposa:

—Olha que eu hoje não venho jantar senão ás sete horas. O Silva convidou-me a ir para o terraço da casa d'ele vêr o eclipse.

—Que é isso de eclipse?

O Marques:

—Bem se vê que nunca andaste nos estudos. O' filha: eclipse é uma especie de nevoeiro, que tapa o sol...

*

Entre namorados.

Ele, na rua, para ela, que está a uma janela das aguas furtadas:

—Ao pé de ti é que eu estava bem, ó Alice!

Ela:

—Tens-me dito isso tantas vezes!

—Mas hoje mais do que nunca, para vêr o eclipse...

Ela, indignada:

—Crédo! Não digas isso em voz tão alta!

Ele:

—Por quê?

Ela:

—Se a mamã soubesse que tu me pedias para vêres uma coisa d'essas, estavamos servidos!

EM FOCO

O banqueiro sr. Sotomaior

Fosse ouro derretido o vasto oceano,
Fosse platina em grão a sua areia,
Não davam mesmo assim nenhuma idéa
Do dinheiro que tem este magano.

Pois que coma e que beba todo o ano
Mais que um almoço, que um jantar ou ceia
Que eu não lhe tenho inveja á bolsa cheia,
Porque isto de riqueza é dôce engano.

Sotomaior, o grande financeiro,
Sotomaior, o esplendido ricasso,
O formidavel e impavido banqueiro.

Fosse o rei do petroleo ou rei do aço
Era incapaz, com todo o seu dinheiro,
De fazer um soneto como eu faço!

BELMIRO.

Correspondencia

J. T. F. (Vieira de Leiria) — Sim senhor: o seu *soneto* está perfeitamente na indole do *Seculo Comico*, pelo que o publicamos com todo o gosto.

Ei-lo:

E' outono!—sazão da melancolia;
De crepes se vestiu a Natureza,
Tornando-se no todo mui sombria,
Infundindo, porem, funda tristeza!...

Os prados já perderam a alegria,
Já não teem como d'antes a beleza!
E o sol já não sorri como sorria,
—Causando uma atmosferica frieza!...

Parece estar o mundo abandonado,
Parece estar dormindo um grande sono...
—O que por vezes tenho já pensado—

Com a impressão de o vêr ao abandono:
Que quem amar—sem nunca ser amado,
—Finda os seus dias, num infindo Outono!...

(Vieira de Leiria)

(a) *João Tomé Feteira.*

Sempre fixe!

— *Força!*
— *E' inutil: é de sabugo!*